

PROCESSO DE VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE LAGOINHA EM SÃO GABRIEL-BA

Jeane Souza Amorim¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo descrever e analisar os dados do processo da variação na concordância nominal de número da comunidade de remanescentes de quilombolas de Lagoinha de São Gabriel Bahia, tendo como base os padrões normativos da língua portuguesa. Este estudo foi realizado desde uma perspectiva sociolinguística, visto pela Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006). Também foram consideradas as contribuições de autores como Mollica (2017); Martelotta (2017); Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) entre outros. O material analisado são amostras orais representativas do português popular do Brasil, por acreditarmos que o português popular é resultado do processo de transmissão linguística irregular, diferente da variedade culta. As amostras de línguas orais são de informantes analfabetos e que cursaram até o quinto ano do Ensino Fundamental, que residem na comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha em São Gabriel Bahia. Nossos resultados apresentaram duas variáveis sociais (gênero e faixa etária) e apenas uma linguística (saliência fônica) como sendo significativas pelo programa estatístico, o que nos levam a refletir sobre a importância dos fatores externos na análise de fenômenos variáveis.

Palavras-chave: Transmissão linguística irregular. Concordância nominal. Comunidades de remanescentes quilombolas.

ABSTRAC: This article aims to describe and analyze data from the process of variation in the nominal agreement of number of the quilombola remnant community of Lagoinha de São Gabriel Bahia, based on the normative standards of the Portuguese language. This study was carried out from a sociolinguistic perspective, seen by the Theory of Linguistic Variation and Change proposed by Weinreich, Labov and Herzog (2006). Contributions from authors such as Mollica (2017); Martelotta (2017); Lucchesi, Baxter and Ribeiro (2009) among others. The material analyzed are representative oral samples of popular Brazilian Portuguese, because we believe that popular Portuguese is the result of an irregular linguistic transmission process, different from the cultured variety. The samples of oral languages are from illiterate informants who attended up to the fifth year of elementary school, who reside in the Lagoinha quilombola community in São Gabriel Bahia. Our results showed two social variables (gender and age) and only one linguistic (phonic salience) as being significant by the statistical program, which lead us to reflect on the importance of external factors in the analysis of variable phenomena.

Keywords: Irregular linguistic transmission. Nominal agreement. Communities of remnant quilombolas.

¹ Discente do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *Campus XVI* – Irecê, que apresenta este artigo, sob a orientação da professora Ma. Dayane M. Lemos, para obtenção do título de Licenciada em Letras. Endereço eletrônico: amorimjeane@gmail.com.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos linguísticos têm evidenciado a heterogeneidade da língua e sua dinamicidade em uso. Neste artigo nossa proposta de análise será embasada na subárea denominada Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006), na década de 60 do século passado, a qual procura descrever e explicar o processo de variação e mudança, considerando os fatores linguísticos e os fatores extralinguísticos (gênero, faixa etária, escolaridade, classe social, etc.), na língua em uso, sendo influenciada pelo meio social e evidenciando o caráter heterogêneo e organizado da variação.

Assumimos o posicionamento da hipótese da Transmissão Linguística Irregular postulada pelos pesquisadores Dante Lucchesi (2001) e Dante Lucchesi, Alan Baxter e Ilza Ribeiro (2009). Para os autores o conceito de transmissão linguística irregular é “tomado para designar amplamente os processos históricos de contato maciço entre povos falantes de línguas tipologicamente diferenciadas, entre os séculos XVI e XIX, em decorrência da ação do colonialismo europeu na África, Ásia, América e Oceania” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 101).

Refletimos sobre os processos de variações nos sintagmas nominais, acreditando que o amplo quadro de variação existente no sistema de concordância seria um vestígio do contato entre línguas e dos processos de transmissão linguística irregular do português, que teria como maior difusor dessas variedades as populações africanas e indígenas, sendo a primeira a principal.

A amostra, objeto de análise deste artigo, compõe o *corpus* do incipiente Projeto *Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão* (doravante ELiHS), projeto a ser executado como resultado da tese de doutoramento da professora Dayane Moreira Lemos, e a ser sediado no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XVI, Irecê, BA. A amostra é composta por seis informantes, três do sexo masculino e três do sexo feminino, sendo consideradas as faixas etárias de 18 a 35 anos, 36 a 59 e a partir de 60 anos, que cursaram até o 5º ano do Ensino Fundamental.

Tomadas por uma necessidade de discutir sobre a diversidade linguística brasileira, em especial as variedades rurais, ainda afastadas dos grandes centros urbanos, buscamos contribuir para os estudos sociolinguísticos, em especial do sertão nordestino e comunidades quilombolas, trazendo os dados da variação no sintagma nominal.

2 BREVE RELATO SOBRE A CONSTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para iniciar as reflexões acerca da heterogeneidade linguística do Português Brasileiro faz-se necessário voltar um pouco na história da constituição dessa língua tão plural e alvo de tantos estudos no campo da linguística. Desembarcando no litoral brasileiro, o contato linguístico que os escravizados tiveram foi com a língua portuguesa. Separados dos seus familiares e amigos, foram obrigados a aprender a língua e a cultura dos seus senhores. A maioria desses escravizados trabalhavam nas plantações das grandes fazendas e os demais prestavam serviços domésticos. Esses aprendiam o português como segunda língua (L2) e dessa forma a usavam de forma imperfeita, como afirma Lucchesi (2009, p. 47)

[...] nas grandes propriedades rurais, encontram-se os escravos domésticos, que, se possuíam certamente uma maior proficiência em português, não deixavam de influenciar a língua de seus senhores— principalmente pela ação das amas que participavam diretamente da criação dos filhos do seu senhor —, impregnando-lhes a língua com as marcas de sua aquisição imperfeita.

A língua portuguesa foi se espalhando por todo o território, levada pelos senhores de engenho e seus escravizados, com suas diferenças e variações. Mesmo havendo muitos falantes das línguas gerais, o português era a língua do dominador, todos eram levados a aprender, pois ela se tornou uma língua de prestígio e ascensão cultural, existindo até uma divisão entre os escravizados, “os escravos se dividiam, assim, entre os ladinos, que tinham alguma proficiência em português, e os boçais, que eram incapazes de se comunicar nessa língua” (LUCCHESI, 2009, p. 46).

Aprendendo o português na oralidade, sem normatização escolar, os escravizados espalharam essa língua variável por todo o Brasil, estando presente entre vários segmentos da composição social, como afirma Mattos e Silva (2004, p. 106)

A presença maciça dos africanos e afro descendentes que a demografia histórica demonstra; a atuação constante dos escravos nas grandes frentes de economia da colonização; a mobilidade geográfica, decorrente das vicissitudes da vida econômica de seus senhores e da economia brasileira; os diversificados e múltiplos papéis por eles desempenhados na sociedade colonial rural e urbana; o significado social e linguístico dos espaços ilegítimos da escravidão permitem embasar o meu ponto de vista de que é esse segmento numeroso e operante - os africanos e afro descendentes- o agente principal da difusão do português no território brasileiro, na sua face majoritária, popular ou vernácula.

Dessa forma, o português brasileiro foi pouco a pouco se diferenciando do português de Portugal construindo um caráter de língua diversificada e variável, como afirma Mattos e Silva

(2004, p. 85) ao dizer que “onde está o homem, está a sua voz, e essa voz veiculava, certamente, o português geral brasileiro, que se pode conjecturar como altamente diversificado e variável”.

2.1 CONTATO LINGUÍSTICO: BREVE DISCUSSÃO

O contato linguístico tem sido um assunto bastante estudado para a compreensão da constituição histórica do português brasileiro. Já no século XIX, começa a se observar as particularidades do português falado no Brasil em relação ao português falado em Portugal. Desde então muito se tem discutido sobre esse assunto, buscando-se comprovações em todos os níveis de análise linguística: semântico, fonético, morfológico e sintático.

Com o avanço dos estudos linguísticos, algumas hipóteses teóricas foram formuladas para tentar desvelar/interpretar a formação do português brasileiro, dentre elas temos a hipótese da:

- (i) **Crioulização Prévia**, defendida por Gregory Guy (1981; 1989 *apud* LUCCHESI, 2009) que vem desde 1981 argumentando que as condições sociais nos primeiros séculos de colonização do Brasil eram favoráveis à crioulização e que o português popular do Brasil seria a consequência de um processo de descrioulização de um crioulo português que teria sido formado no século XVII;
- (ii) **Deriva secular**, que tem como expoente os pesquisadores Anthony Naro e Marta Scherer (2007). Eles afirmam que o português popular brasileiro é resultado de uma atração de forças de diversas origens, Europa, América, África – essas forças é o que eles denominam de confluência de motivos. Apontam que o Brasil passou por três importantes fases de predomínio étnico demográfico: a primeira de predomínio ameríndio; a segunda fase de predomínio africano e a terceira fase de predomínio europeu e começo da imigração asiática, ressaltando que essa foi uma fase importante e de reforço. Distinguem que as duas primeiras fases eram pidginizantes e caracterizadas pelo aprendizado do português como segunda língua. A última era mais padronizante, embora também marcada pelo aprendizado do português como segunda língua por populações europeias e asiáticas oriundos de lugares onde o português não era conhecido. Segundo os autores o impulso motor do desenvolvimento do português no Brasil veio já embutido na deriva secular da língua de Portugal;

(iii) **Transmissão Linguística Irregular** postulada pelos pesquisadores Dante Lucchesi (2001) e Dante Lucchesi e Alan Baxter (2009) – Hipótese assumida neste artigo.

Para os autores o conceito de transmissão linguística irregular é “tomado para designar amplamente os processos históricos de contato maciço entre povos falantes de línguas tipologicamente diferenciadas, entre os séculos XVI e XIX, em decorrência da ação do colonialismo europeu na África, Ásia, América e Oceania” (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 101). Esse conceito abrange tanto os processos de mudanças resultantes em uma nova língua – *pidgin* ou *crioulo* – quanto os processos nos quais as línguas sofrem alterações devido ao contato com outras línguas sem necessariamente a configuração de uma nova língua. Para melhor entendimento sobre esses processos Lucchesi e Baxter (2009, p. 101) explicam que

tal processo de nativização da língua dominante ocorre de maneira irregular no sentido de que os dados linguísticos primários de que as crianças que nascem nessas situações dispõem para desenvolver a sua língua materna provêm praticamente de versões de segunda língua desenvolvidas entre os falantes adultos das outras línguas, que apresentam lacunas e reanálises em relação aos seus mecanismos gramaticais. Tal processo diferencia-se da situação de transmissão geracional normal das línguas humanas, em que as crianças dispõem de dados linguísticos mais completos fornecidos pela língua materna dos seus pais.

Dessa forma, a transmissão linguística irregular ocasionaria duas situações, a formação de uma língua crioula ou a formação de uma nova variedade da língua de superstrato, decorrentes dos processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas. Conforme Lucchesi e Baxter (2009, p. 101, grifos do autor),

Nas diversas situações de dominação que se constituíram nesse contexto histórico, a língua do grupo dominante, denominada **língua de superstrato** ou **língua-alvo**, se impõe, de modo que os falantes das outras línguas, em sua maioria adultos, são forçados a adquiri-la em condições bastante adversas de aprendizado, em função de sua sujeição e marginalização. As variedades de segunda língua que se formam nessas condições, mais ou menos defectivas consoante as especificidades de cada contexto histórico, acabam por fornecer os modelos para aquisição da língua materna para as novas gerações de falantes, na medida em que os grupos dominados vão abandonando as suas línguas nativas.

Como já vimos anteriormente, o Brasil teve sua formação em um contexto plurilinguístico, em que a língua do dominador, o português europeu, era a língua de superstrato ou língua alvo e as demais línguas dos dominados era a língua de substrato. Podemos nos basear, por exemplo, em Mattos e Silva (2004) sobre o entendimento de que o aprendizado da língua alvo deu-se de forma defectiva pelos povos africanos, e esses foram espalhando as variedades do português e formando o que conhecemos hoje como português popular.

Lucchesi (2012, p. 250) aponta que a formação do português popular brasileiro deve ser compreendida como um processo de transmissão linguística irregular de tipo leve e se caracteriza por uma erosão dos mecanismos gramaticais que não têm valor informacional e que as evidências mais perceptíveis estariam no maciço processo de variação no emprego das regras de concordância nominal e verbal.

Segundo Lucchesi e Baxter (2009, p. 123), o processo de transmissão linguística irregular do tipo leve compreenderia as seguintes etapas

- (i) Fase inicial: variação, mais ou menos intensa, no uso dos mecanismos gramaticais, sendo mais rara a eliminação desses mecanismos; opacidade relativa nos estímulos-gatilhos que possibilitam a aquisição de valores diferenciados nos parâmetros sintáticos;
- (ii) Fases seguintes: manutenção do quadro de variação, em que se observa a concorrência entre as formas gramaticais reintroduzidas a partir da influência da LA e potenciais processos de gramaticalização que emergem na heterogeneidade da fala; variação nas frequências de uso dos parâmetros sintáticos.

Diante do exposto, tornam-se imprescindíveis pesquisas sociolinguísticas que comprovem a relevância do contato linguístico e a hipótese da transmissão linguística irregular na formação do português popular brasileiro como também a importante influência dos povos africanos e seus descendentes afro-brasileiros nesse processo.

As pesquisas sociolinguísticas que tratam dos processos de variação e mudança das línguas têm crescido consideravelmente. Martelotta (2017, p. 145) afirma que podemos falar em variação em todos os níveis da língua, a saber:

No nível lexical, poderíamos citar conhecidas oposições de forma ‘jerimum’ (Bahia) e ‘abobora’ (Rio de Janeiro); ‘guri’ (Rio Grande do Sul) e ‘menino’ (Rio de Janeiro). No nível gramatical, vimos a variação ‘elas brincam /elas brinca’. No nível fonético-fonológico podemos dar como exemplo a variação regional das pronúncias de uma palavra como ‘morena’, com a vogal pré-tônica aberta no Nordeste e fechada na maior parte do Brasil.

Sendo assim, acreditamos que “na dimensão propriamente social estão as diferenças linguísticas verificadas com a comparação entre o dialeto padrão — considerado correto, superior, puro — e os dialetos não padrão — considerados incorretos, inferiores e corrompidos” (MARTELOTTA, 2017, p. 145). Visto o caráter plural e polarizado do português brasileiro, Lucchesi (2006, p. 86, grifo do autor) aponta que

[...] a *norma culta*, derivada do uso linguístico de uma elite escolarizada, e a *norma popular*, que emerge do uso da grande maioria da população do país, desprovida de educação formal e dos demais direitos da cidadania, com os previsíveis reflexos na língua da pluralidade étnica que está na base da sociedade brasileira.

Percebemos que o acesso à educação formal e aos demais direitos sociais eram um privilégio de poucos, os demais viviam a mercê do que conseguiam aprender nas vivências e na oralidade. A norma culta vem de uma elite que procura manter uma proximidade do português brasileiro com o português europeu, enquanto que a popular é a língua falada pela maioria dos brasileiros com precário acesso aos mínimos direitos sociais.

O professor Camacho (2011), em seu texto *Norma culta e variedades linguísticas*, afirma que “[...] todas as línguas e dialetos (variedades de uma língua) são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam e nenhuma língua ou variedade dialetal é inerentemente inferior a outra similar” (CAMACHO, 2011, p. 36), mas conhecer seu contexto de uso é de grande relevância.

3 EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os estudos sociolinguísticos vêm crescendo muito no Brasil. Devido sua grande extensão territorial e as variações linguísticas encontradas, podemos realizar pesquisas em várias subáreas da sociolinguística. Para que uma pesquisa linguística tenha credibilidade e se torne relevante para contribuição dos estudos linguísticos, ela precisa ser organizada e seguir as orientações já pré-estabelecidas pela sua área ou subárea de estudos.

A Sociolinguística é uma das áreas da Linguística que estuda os diferentes padrões de comportamentos linguísticos dentro de uma comunidade de fala, reconhecendo a heterogeneidade da língua e suas mudanças ocorridas no tempo. Nesse sentido, entendemos que a heterogeneidade “[...] imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais” (MOLLICA, 2017, p. 27), e não desordenadas. Sendo assim, a Sociolinguística tornou-se uma área ampla dividindo-se em três subáreas: a Sociologia da Linguagem que estuda os fatores sociais em grande escala, associados à linguagem, a Etnografia da comunicação que se interessa em analisar e descrever os eventos de fala e a Sociolinguística Variacionista que considera o exame da linguagem no contexto social é tão importante para solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável (CAMACHO, 2011, p. 49-50).

Neste artigo, nossa proposta de análise será embasada na subárea denominada Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança, proposta por Weinreich,

Labov e Herzog (2006), na década de 60 do século passado, a qual procura descrever e explicar o processo de variação e mudança, considerando os fatores linguísticos e os fatores extralinguísticos (gênero, faixa etária, escolaridade etc.), a língua em uso, sendo influenciada pelo meio social e evidenciando o caráter heterogêneo e organizado da variação. Essa teoria possui metodologia própria que auxilia os pesquisadores desde o processo de coleta de dados/amostras até as análises – que podem variar em quantitativas e qualitativas. Assumimos neste artigo a proposta de análise quantitativa. Guy e Zilles (2007, p. 20) afirmam que

a pesquisa dialetal vem se amparando no aparato-padrão da metodologia quantitativa, incluindo o uso de tabelas e gráficos para apresentação de dados, medidas estatísticas para resumir os dados e fazer inferências sobre eles, testes de significância e confiabilidade e técnica analítica quantitativa.

Os autores enfatizam que há três fases fundamentais no curso de qualquer análise quantitativa, que podem ser resumidas em coleta de dados, redução e apresentação de dados e interpretação e explicação de dados.

Envoltos em um cenário de padronização e normatização das variedades linguísticas brasileiras, os sociolinguistas são tomados por uma necessidade de discutir sobre a diversidade linguística brasileira, em especial as variedades rurais, ainda afastadas dos grandes centros urbanos. Em meio a esses anseios, este artigo, busca, ainda que timidamente, contribuir para os estudos sociolinguísticos, em especial do sertão nordestino e comunidades quilombolas, trazendo os dados da variação no sintagma nominal da comunidade de remanescentes quilombolas Lagoinha.

A amostra, objeto de análise deste artigo, compõe o *corpus* que está em execução no âmbito do Projeto *Estudos Linguísticos e Históricos do Sertão*² (doravante ELiHS), no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XVI, Irecê, BA. Através do Quadro 1 é possível observarmos os fatores extralinguísticos representativos da amostra oral do português popular falado na comunidade quilombola de Lagoinha.

Quadro 1 – Composição do *corpus*

MASCULINO			FEMININO		
Faixa etária I	Faixa etária II	Faixa etária III	Faixa etária I	Faixa etária II	Faixa etária III
Informante 01	Informante 02	Informante 03	Informante 04	Informante 05	Informante 06

Fonte: Elaborado pela autora.

² Este projeto, em desenvolvimento, compõe a proposta da tese de doutoramento da professora Dayane Lemos, que tem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), através do parecer substanciado de número 4.579.419.

Torna-se importante salientar que a Faixa I, II e III representam, respectivamente, falantes de 18 a 35 anos, de 36 a 59 e a partir de 60 anos e a amostra foi composta por informantes que cursaram até o quinto ano do Ensino Fundamental. No que tange a participação dos informantes, cabe relatar que esses enquadram-se nos critérios estabelecidos no Quadro 1 e que os mesmos foram escolhidos de forma aleatória e diante de sua vontade e disponibilidade.

As gravações foram realizadas através de entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), com duração média de 30 a 60 minutos, seguindo o modelo de entrevista sociolinguística semidirigida, em que entrevistado e entrevistador conversam de forma livre e espontânea sobre temas diversos, a critério do informante. A coleta do vernáculo é o objetivo maior das entrevistas e para tanto a composição da amostra apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006).

Com as entrevistas em mãos, foram realizadas as transcrições. O objetivo desta transcrição “[...] é transpor o discurso falado, da forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade que decorre do fato de que não conseguimos estudar o oral através do próprio oral” (MOLLICA, 2003, p. 136). Após os dados terem sido submetidos a um tratamento estatístico, através da ferramenta computacional Goldvarb X, interpretamos os valores obtidos, a fim de apreender o comportamento variável da concordância nominal de número. A seguir conheceremos o *locus* da pesquisa.

3.1 *Locus* da pesquisa

O *locus* escolhido para pesquisa é Lagoinha, uma comunidade quilombola pertencente ao município de São Gabriel, que faz parte do território de identidade de Irecê no sertão da Bahia. A historiografia sobre o povoamento do território de identidade de Irecê de acordo com Nepomuceno (2014, p. 93) iniciou-se com a

[...] interiorização das atividades produtivas, antes concentradas no litoral baiano, sobretudo, na região do recôncavo. Um dos primeiros proprietários de terras, Antônio Guedes de Brito, recebeu do rei de Portugal no final do século XVII, uma imensa sesmaria remuneratória que abrangia a área de Morro do Chapéu e da região de Irecê.

Com o desenvolvimento da região e o crescimento populacional, surgiram novas cidades. Hoje São Gabriel faz parte do Território de Identidade de Irecê, que segundo Oliveira (2015 p. 59) é composto por 20 municípios, são eles:

América Dourada, Barra do Mendes, Barro Alto, Cafarnaum, Canarana, Central, Gentio do Ouro, Ibipeba, Ibititá, Ipupiara, Irecê, Itaguaçu da Bahia, João Dourado, Jussara, Lapão, Mulungu do Morro, Presidente Dutra, São Gabriel, Uibaí e Xique Xique. Todos os municípios possuem antecedentes históricos comuns, já que foram 59 se originando de desmembramentos territoriais dos municípios de Morro do Chapéu, Irecê, Central e Xique-Xique.

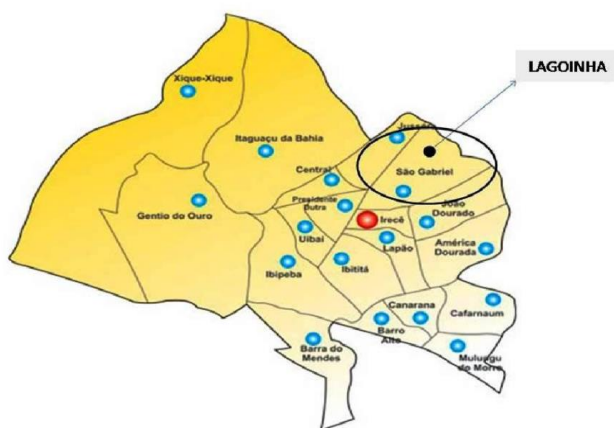
Inserido neste importante território de Identidade o município de São Gabriel tem sua história parecida com os demais municípios. Pereira e Pereira (2013 *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 99) aborda que

Os primeiros habitantes da Vila de Gabriel, vindos de Uibaí, antes vieram da Gameleira do Assuruá, na região do Gentio do Ouro. Alguns eram portugueses e turcos, que vieram para São Paulo, Ceará e para a região de Feira de Santana, para então chegar a estas terras, misturando-se, pelo caminho, com negros, índios e ciganos.

Muitos desses habitantes que vieram para São Gabriel não permaneceram nessas terras por muito tempo, devido às dificuldades encontradas e a falta de experiência com a agricultura, preferindo seguir viagem rumo a sua busca incansável pelo ouro.

Lagoinha de São Gabriel, o *locus* da pesquisa, é uma comunidade rural cuja agricultura se baseia predominantemente no cultivo de mamona, milho e feijão. Desde a década de 90 com a falta de chuvas e sem recursos para o sustento da família, os moradores, em sua maioria do sexo masculino, durante o período de estiagem e seca se aventuram nas colheitas de café no estado de Minas Gerais, permanecendo longe de suas famílias por aproximadamente três meses, retornando para suas casas com a esperança de que logo chegarão as chuvas trazendo prosperidade e fartura.

Figura 1 – Mapa de identificação da comunidade Lagoinha



Fonte: Ribeiro (2011).

A história da comunidade é passada de pai para filho. Os anciãos da comunidade contam que em 1922 saíram da Vereda do Jacaré dois irmãos em busca de encontrar uma lagoa encantada, que diziam existir nela pedras preciosas. Os dois irmãos, André José Bernardo e Martiniano Reis, encontraram a lagoa, mas as pedras eram lendas, porém encontrou uma terra fértil e resolveram comprar e deram o nome de “Fazenda Lagoinha”.

Durante muito tempo a comunidade não era assistida com políticas públicas, o hospital mais próximo era o de Irecê e era muito difícil o deslocamento, dessa forma as doenças eram tratadas com ervas e com a fé cristã nas rezas das benzedadeiras que era um costume na comunidade. As grávidas eram auxiliadas pelas mulheres mais velhas, e na hora do nascimento da criança vinha uma parteira para ajudar no parto. A dona Florentina Bernardo, conhecida como Mãe Flor era uma parteira muito respeitada na comunidade e nas comunidades vizinhas.

Hoje a comunidade já tem posto de saúde com atendimentos diários, escolas de Ensino Fundamental I e II, os alunos que terminam o Ensino Fundamental II são transferidos para a escola de Ensino Médio na comunidade próxima, Gameleira do Jacaré. As principais manifestações culturais na comunidade é o Terno de Reis, realizado tradicionalmente nos seis primeiros dias do mês de janeiro, as festas de São Cosme e São Damião no mês de setembro e no dia 13 de dezembro a festa a Santa Luzia.

Com sua população predominantemente composta por remanescentes de quilombolas, Ribeiro (2011, p. 26) nos mostra que a comunidade foi informada através “de técnicos da UNB – Universidade de Brasília que estiveram na localidade orientando um projeto voltado para a agricultura, denominado *Cio da Terra*, desenvolvido pela APPL (Associação dos Pequenos Produtores de Lagoinha)” sobre a certificação e os seus direitos enquanto remanescentes de quilombolas.

Essa ideia de autoreconhecimento era algo estranho para a comunidade, pois era carregada de muitas lutas e preconceitos. Mesmo sabendo das suas origens, muitos não se sentiam a vontade para falar sobre o assunto. Somente após esclarecimentos dos técnicos, que as comunidades se auto reconheceram e conseguiram ver sua raça e sua cultura como algo que poderiam se orgulhar e defender, mesmo em meio a tantas lutas e preconceitos.

Em 2007 a comunidade Lagoinha é reconhecida pela Fundação Palmares como remanescente de Quilombo. Segundo a Fundação Palmares a auto definição de uma comunidade quilombola está diretamente ligada com a relação que esse grupo étnico possui com a terra, território, ancestralidade, tradições e práticas culturais. O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 atribui a competência a Fundação Palmares em seu artigo 5º

Art. 5º Compete ao Ministério da Cultura, por meio da Fundação Cultural Palmares, assistir e acompanhar o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o INCRA nas ações de regularização fundiária, para garantir a preservação da identidade cultural dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como para subsidiar os trabalhos técnicos quando houver contestação ao procedimento de identificação e reconhecimento previsto neste Decreto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acesso em 06-04-2021 as 18:35h.

Durante o processo de reconhecimento da Fundação Palmares muitas coisas mudaram, principalmente no que tangem a identidade, o que antes era motivo de vergonha hoje se tornou orgulho.

4 A VARIACÃO NA CONCORDANCIA NOMINAL DE NÚMERO EM AMOSTRAS DE FALA DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLA LAGOINHA: UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

A variação na concordância nominal na formação do português brasileiro tem sido amplamente estudada no campo da sociolinguística, evidenciando as perdas morfológicas características do português brasileiro. A concordância nominal varia em número (singular/plural) e em gênero (masculino/ feminino) e é uma das principais marcas perceptíveis do contato linguístico e da transmissão linguística irregular.

Nesta seção faremos as análises da amostra do corpus Lagoinha. Como dito anteriormente as análises serão embasadas na subárea denominada Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006). Serão realizadas análises quantitativas, considerando os fatores linguísticos saliência fônica, função sintática e número de constituintes e os fatores extralinguísticos sexo e faixa etária.

Como visto anteriormente esta pesquisa trata especificamente da concordância de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal. Os dados desta pesquisa serão analisados sob a perspectiva não atomística conhecida também como sintagmática. Pretende-se observar em que nível a concordância nominal de número está sendo aplicada entre os elementos do sintagma nominal. Serão atribuídos os valores positivos a sintagmas cujos constituintes são todos marcados, como em (1) e valor negativo a sintagmas que não receberam marcação de plural em todos os constituintes, como em (2) e (3).

(i) **Todos os elementos flexionáveis do SN**

(1) *por que o falar daqui é diferente das outras pessoas daqui.* (INF.4)

(ii) **Em alguns elementos flexionáveis do SN**

(2) *inclusive na minhas campanha era eu com povo.* (INF.2)

(iii) **Em apenas um dos elementos flexionáveis do SN**

(3) *Esses menino meu já estudaro.* (INF. 3)

Dessa forma, a regra da concordância nominal de número ocorre quando há presença de marcas em todos os itens pluralizáveis do sintagma nominal, enquanto que a ausência dessa marca, seja em apenas um dos elementos do sintagma nominal, constitui falta de concordância.

Na amostra foram analisados 572 sintagmas nominais representativos das amostras orais da comunidade de Lagoinha. Através do Tabela 1 podemos visualizar os resultados obtidos nas marcações e não marcações de plural.

Tabela 1 - Taxas de uso da concordância e não concordância nominal no *corpus*

	Frequência	%
NÃO CONCORDÂNCIA	384/572	67,1
CONCORDÂNCIA	188/572	32,9

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados indicam que há uma maior tendência no uso da não concordância nominal de número (67,1% para não marcação e 32,9% para marcação). Lopes (2001, p. 160) aborda que fazer análise de dados numa perspectiva sociolinguística é normalmente entendido como buscar razões, no contexto social, para os diversos usos linguísticos. É nessa perspectiva que iniciamos nossas análises quantitativas no âmbito da variação na concordância nominal de número, na tentativa de fazer uma breve análise das variáveis selecionadas como significativas pelo programa computacional Goldvarb X.

4.1 VARIÁVEIS SOCIAIS

De acordo com Scherre (1988, p. 430) “a influência de variáveis sociais em fenômenos linguísticos variáveis, principalmente nos casos em que uma das variantes é estigmatizada, não

constitui nenhuma novidade dentro da literatura linguística”. Cientes dessa realidade, iniciaremos as nossas análises na amostra observando as variedades sociais.

Entre as variáveis sociais selecionadas para esta análise, o programa estatístico Goldvarb X selecionou como relevantes, com significância de 0.009, as variáveis sexo e faixa etária, para esta amostra.

4.1.1 A variável sexo

A variável sexo tem sido considerada de relevância para os estudos sociolinguísticos, considerando que homens e mulheres têm comportamentos diferentes na sociedade e estão expostos a situações diversas que podem influenciar na sua maneira de se expressar linguisticamente. Trabalhos como o de Scherre (1988) e Lopes (2001) trazem a importância de controlar a diferença entre os sexos, considerando essa variável de muita importância quando se deseja estabelecer uma relação entre a variação e a mudança linguística (LOPES, 2001, p. 160). O efeito da variável sexo, na amostra em análise, sobre a ausência de marcas de plural nos sintagmas nominais pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 – Taxas de uso da não concordância no Sintagma Nominal em função da variável sexo

SEXO	Frequência	%	Peso relativo
MASCULINO	266/366	72,7	0.56
FEMININO	118/206	57,3	0.37

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos perceber os homens da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha apresentam uma tendência maior para o uso da não concordância, com peso de .56. Na realidade social da comunidade de Lagoinha, os homens geralmente estão saindo da comunidade em busca de trabalho, com isso em maior contato com a norma de prestígio, mas isso não interferiu nos resultados em relação ao uso da não concordância. Diferente do que foi pontuado por Baxter (2009, p 285) na comunidade de Helvécia em que a interação social dos homens, que passam mais tempo fora da comunidade, viajando para outras cidades para vender seus produtos da roça, foi observado que os homens de Helvécia tem uma maior tendência no uso da norma de prestígio.

As mulheres da comunidade de Lagoinha, mesmo ficando mais tempo em casa, cuidando dos serviços domésticos, nossos resultados apontam que elas apresentam maior uso da norma de prestígio.

4.1.2 Faixa etária

Sabe-se que a variável faixa etária é de grande importância para os estudos de variação e mudança, sendo um indicador se determinado fenômeno de variação linguística está estável ou está em progresso num estudo em tempo aparente. Quando se trata de variáveis sociais os falantes mais jovens geralmente são mais inovadores em relação aos falantes mais velhos, sendo esses mais conservadores. O efeito da variável faixa etária sobre a ausência de marcas de plural nos sintagmas plurais pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3 – Taxas de uso da não concordância no Sintagma Nominal em função da faixa etária

FAIXA ETÁRIA	Frequência	%	Peso relativo
I (18 até 35 anos)	40/132	30,3	0.13
II (36 até 59 anos)	66/126	52,4	0.31
III (mais de 60 anos)	278/314	88,5	0.74

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com os dados a faixa etária que mais favorece o uso da concordância é a mais nova, com .13 de peso relativo, marcando com maior frequência os elementos do sintagma nominal com morfema de plural. As faixas seguintes, falantes entre 36 a 59 anos e acima de 60 anos, apresentam uma maior tendência para o uso da não concordância, com peso relativo, respectivamente, de .31 e .74.

Os informantes do *corpus* da faixa etária I frequentaram a escola, cursando até o quinto ano do ensino fundamental. Acreditamos que esse processo de escolarização contribuiu de forma significativa para essa aquisição das normas privilegiadas. Porém, nas faixas etárias II e III os informantes não tiveram acesso à escolarização, e ligamos esse fato ao de os resultados de não concordância ocorrerem com mais frequência.

4.2 VARIÁVEL LINGUÍSTICA: SALIÊNCIA FÔNICA

As variáveis linguísticas trabalhadas para esta análise foram função sintática do sintagma nominal, número de constituintes flexionáveis do sintagma nominal e saliência fônica. No entanto, o programa selecionou apenas a saliência fônica como relevante.

Sendo assim, entende-se que o fator saliência fônica tem sido de grande relevância para o estudo da variação e mudança que envolve a concordância.

A saliência fônica foi introduzida nos estudos do português por Naro & Lemle (1976), inicialmente na concordância verbal, e posteriormente incorporada aos estudos concordância verbal e nominal de Braga & Scherre (1976), de Braga (1977), de Scherre (1978, de Naro (1981), assim como de Guy (1981) e de Scherre (1988).

De acordo com esses autores a quantidade de materiais existente na oposição singular e plural interfere na possibilidade de se fazer a concordância, afirmando que os itens em que a oposição é mais saliente (mais material fônico perceptível na oposição singular/plural) devem ser os mais marcados com o morfema de plural. Vejamos nossos resultados na Tabela 4.

Tabela 4 – Taxas de uso da não concordância no Sintagma Nominal em função da saliência fônica

	Frequência	%	Peso relativo
MAIS SALIENTE	299/466	64,2	0.65
MENOS SALIENTE	85/106	80,2	0.46

Fonte: Elaborada pela autora.

Como podemos perceber na Tabela 4 os sintagmas nominais mais salientes são os que mais favorecem a regra da não concordância, com peso relativo de .65, enquanto que os itens menos salientes apresentam peso relativo .46, desfavorecendo essas marcações. Lopes (2001, p. 196) aborda que

A variável ora estudada tem um papel importante no estudo da aquisição de língua com muita variação. Como em situações desse tipo são as informações mais salientes as que são percebidas em primeiro lugar, a língua resultante desse tipo de observação deve trazer mais marcas da aprendizagem dos elementos mais salientes e a ausência dos menos salientes.

Procedendo desta forma, nossos resultados estatísticos estão dialogando com os estudos de Lopes (2001) no que concerne a estudos que consideram contextos linguísticos mais salientes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo analisamos a concordância nominal de número, com o intuito de buscar respaldos que pudessem explicar a hipótese de que a variação na regra da concordância nominal no contexto da comunidade de Lagoinha seria decorrente da sócio história da constituição do português brasileiro, marcada pelo contato entre línguas e o processo de transmissão linguística irregular.

Os dados quantitativos em relação às variáveis sociais mostraram que o fator variável sexo foi selecionado com significância de 0.009, que na comunidade remanescentes de quilombola de Lagoinha os homens estão mais propícios ao uso da não concordância em relação às mulheres.

No que tange a variável social faixa etária, nossos resultados demonstraram que a faixa mais jovem é a que mais aplica a regra da concordância com peso relativo de .13 para não concordância. Esses dados apontam a aquisição das formas mais privilegiadas pelos falantes mais jovens.

Em relação às variáveis linguísticas o programa Goldvarb X selecionou apenas a variável saliência fônica, identificando que no *corpus* os itens mais salientes são favorecedores da não marcação de plural no sintagma nominal, enquanto que os sintagmas nominais menos salientes favorecem menos essa marcação.

Com essas breves análises, este artigo nos traz indícios sobre a importância dos fatores externos a análise de fenômenos variáveis, pelo fato do programa estatístico ter selecionado duas variáveis sociais e apenas uma linguística, evidenciando que esses são fatores fundamentais quando se quer analisar variáveis estigmatizadas.

No que se refere à comunidade quilombola de Lagoinha, *locus* da pesquisa, o processo de variação na concordância nominal de número revelou-se um campo muito rico e ainda tem muito o que ser explorado. O que abordamos neste artigo são apenas resultados de uma breve análise e, futuramente, pretendemos retomar estes estudos.

REFERÊNCIAS

BAXTER, Alan. A concordância de número. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: UFBA, 2009.

BRASIL, **Decreto Nº 4.887 DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003**. Dispõe sobre regulamentação, procedimento, identificação, reconhecimento, demarcação, titularidade, limitação, terreno, comunidade, quilombos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em 06 abr. 2021.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11. Disponível em <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40354>. Acesso em 11 maio 2021.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística — parte II, In: MUSSALLIM, Fernanda.; BENTES, Anna Christina. (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. V.1 São Paulo: Cortez, 2011, p. 49- 75.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Norma da S. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia - Instituto de Letras, Salvador. 2001.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: UFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: UFBA, 2009. p. 101- 124.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: UFBA, 2009. p.

_____. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/941/868>. Acesso em: 11 de maio de 2021.

_____. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). **D.E.L.T.A**, 17:1, 2001(97-130). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2870/1/a05v17n1.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2021.

_____. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, T. et all. (org.). **Rosae: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. P. 249- 273. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16749>. Acesso em 05/08/2019.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

NARO, Anthony e SCHERRE, Marta. Sobre as origens do português popular brasileiro. In: NARO, Anthony e SCHERRE, Marta. **Origens do português popular brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.p. 25-48.

NEPOMUCENO, Maurílio Queirós. **Análise geossistêmica da região de Irecê-BA**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19696>. Acesso em: 18/04/2020.

OLIVEIRA, Eliandro Francisco de. **Implicações da pluriatividade na produção do espaço agrário no município de São Gabriel Ba**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/20623/1/Eliandro_Oliveira_Disserta.pdf. Acesso em: 11 de maio de 2021.

RIBEIRO, Moisés Batista. **Comunidade quilombola de Lagoinha: uma análise do léxico na fala dos comunitários**. 2011.85f. Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade da Bahia, Irecê, 2011.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvim I. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística** [1968]. Trad. Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Ed. Parábola, 2006.